

# Acontecimento, sentidos e afetação: a queda do avião da Chapecoense no jornal *Folha de S. Paulo*<sup>[\*]</sup>

Event, senses and affectation: Chapecoense  
plane crash in *Folha de S. Paulo* newspaper

Rafaela Taísa Menin<sup>[\*\*]</sup>  
rafaelatmenin@hotmail.com

Terezinha Silva<sup>[\*\*\*]</sup>  
terezinhasilva@yahoo.com

## RESUMO

O artigo analisa a constituição da queda do avião que transportava o time da Chapecoense, em 2016, enquanto um acontecimento, a partir da cobertura jornalística realizada pela *Folha de S. Paulo*. O objetivo é identificar o modo como se dá a construção narrativa do acontecimento e o tipo de afetação que produz em diferentes públicos ou grupos sociais. A análise mostra vários sentidos acionados para interpretar o acontecimento (maior tragédia do futebol, desastre, acidente, fatalidade e crime). Mostra ainda um acontecimento com grande poder de afetação pelo alto número de vítimas fatais e seus vínculos (futebol, imprensa e empresariado), bem como públicos que atuaram menos na discussão sobre as causas e responsabilidades pela queda do avião e mais na expressão de certos valores sociais, como a solidariedade.

**Palavras-chave:** acontecimento; sentidos; afetação; Associação Chapecoense de Futebol; *Folha de S. Paulo*.

## ABSTRACT

The article analyzes the constitution of the plane crash that carried Chapecoense's soccer players in 2016, as an event, based on *Folha de S. Paulo* news coverage. The objective is to identify how the narrative construction takes place and the kind of affectation it produces in different audiences or social groups. The analysis shows that different senses are used to interpret what happened (accident, disaster, fatality, murder). It also shows an event with great affectation power based on the high number of fatal victims and their ties (soccer, press and business people) as well as shows and event with audiences who acted less in the discussion about the causes and responsibilities for the plane crash and more in the expression of certain social values, such as solidarity.

**Keywords:** event; senses; affectation; Chapecoense Soccer Association; *Folha de S. Paulo*.

<sup>[\*]</sup> O presente trabalho faz parte da pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado intitulada “A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais: sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento” (Menin, 2019).

<sup>[\*\*]</sup> Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Av. Nereu Ramos, 3450 D - Seminário, Chapecó/SC.

<sup>[\*\*\*]</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima - Trindade, Florianópolis/SC.

## Introdução

Em 29 de novembro de 2016, quando começaram a circular as primeiras notícias informando a queda do avião que transportava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol (ACF), na região de Medellín (Colômbia), o fato logo se transformou em um dos acontecimentos recentes com maior repercussão público-midiática, no Brasil e no exterior. O time disputaria a final de seu primeiro campeonato internacional. Junto com os jogadores e dirigentes, havia profissionais de diferentes mídias brasileiras, que cobririam o jogo, além de convidados do clube, especialmente empresários, e outros tripulantes. Na queda do avião, houve 71 vítimas fatais e apenas seis sobreviventes.

No Brasil e em vários países do mundo, o choque com o desastre provocou uma ampla comoção e impulsionou uma variedade de ações e discursos entre diversos segmentos sociais. A intensa cobertura midiática nos dias seguintes ao ocorrido, até mesmo a nível internacional, foi um dos indícios do poder de mobilização do fato. Ainda hoje, passados mais de quatro anos do ocorrido, o que houve naquele 29 de novembro e os seus desdobramentos continuam produzindo seus efeitos entre diferentes atores, especialmente sobreviventes e familiares das vítimas que aguardam a reparação. É neste sentido que podemos classificar a queda do avião como um acontecimento: uma ocorrência que provoca uma ruptura na experiência de indivíduos e coletividades, que produz uma profusão de sentidos e de ações por parte de diferentes atores e instituições, na busca por compreender e dar respostas ao ocorrido (Quéré, 2005; Silva, 2014; França e Lopes, 2017).

No presente artigo investigamos como se deu a constituição da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol enquanto um acontecimento, a partir da observação da cobertura jornalística realizada pela *Folha de S. Paulo*. Nosso propósito não é efetuar uma análise da cobertura da *Folha*. O objetivo é apreender, através dos relatos deste jornal, o modo como o acontecimento adquire sentidos e desdobra-se em ações por parte de diferentes atores, que colaboram para a sua constituição social e simbólica. Busca-se compreender de que maneira foi interpretado, como e por que reverberou tanto na cena público-midiática.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, expomos a concepção de acontecimento que alicerça nossa análise, inspirada na abordagem proposta pelo sociólogo francês Louis Quéré (1997; 2005). Dela, retiramos a grade a partir da qual analisamos a queda do avião da Chapecoense e seus desdobramentos como um aconteci-

mento. Nossa atenção se volta para o modo como se dá a *construção narrativa* (interpretação e temporalidade) e para o tipo de *afetação* que produz em diferentes públicos ou grupos sociais. Na segunda seção do texto, apresentamos a análise dessas duas dimensões, feita a partir de um *corpus* constituído por material empírico retirado da *Folha de S. Paulo*, jornal de maior circulação em nível nacional. Ao final, levantamos algumas considerações acerca dos sentidos mobilizados para interpretar a queda do avião, do poder de afetação do acontecimento e da contribuição que acreditamos ser oferecida pela abordagem teórico-metodológica adotada neste estudo.

## O acontecimento: narrativa midiática e experiência pública

O acontecimento é um conceito importante na pesquisa de várias áreas do conhecimento. É utilizado no âmbito da história, da sociologia, da ciência política e da comunicação, dentre outras. Como sintetizam Sarmiento e Mendonça (2017), a noção de acontecimento tornou-se especialmente forte entre pesquisadores franceses a partir dos anos de 1970, ocupando a atenção de autores como Pierre Nora, Gilles Deleuze, Maurice Mouillaud, Louis Quéré, Patrick Charaudeau e Patrick Champagne. Posteriormente também de pesquisadores(as) como a norte-americana Gaye Tuchman (1983), o argentino Eliseo Verón (1996), o português Miquel Alsina (2009), os brasileiros Vera França (2011; 2012; 2017), Muniz Sodré (2009), e outros mais focados especificamente no jornalismo (Benetti e Fonseca, 2010; Leal et.al, 2011; Marocco e Berger, 2012; Vogel et. al., 2013).

Não é nosso propósito no presente trabalho discutir o modo como o acontecimento é abordado por esses diferentes pesquisadores. O que nos interessa destacar é que, até os anos recentes, a abordagem convencional acerca do acontecimento tendia (e em muitos casos ainda tende) a tratá-lo, principalmente, como construção midiática ou jornalística. Ou seja, uma abordagem que enfatiza mais a construção discursiva por parte das mídias em geral ou do jornalismo em particular. Tais pesquisas trouxeram contribuições fundamentais ao campo da Comunicação e do Jornalismo, ao lançar luz sobre o papel importante desempenhado pelas mídias na constituição do que é percebido como real. No entanto, essa abordagem considera pouco o fato de que as ocorrências do mundo possuem uma existência empírica, afetando e/ou modificando concretamente a experiência individual e coletiva (França, 2012; Silva, 2014).

É para esta dimensão – da afetação e dos sentidos

produzidos por um acontecimento junto a diferentes públicos – que nossa atenção se volta no presente trabalho. Nossa prioridade não é apreender o modo como a *Folha de S. Paulo* realizou ou poderia realizar a cobertura do acontecimento. No presente trabalho adotamos a perspectiva de acontecimento proposta por Quéré (1997, 2005, 2012), que situa o acontecimento no terreno da experiência e da ação dos sujeitos no mundo. Tal concepção tem inspirado, no campo da Comunicação no Brasil, um conjunto de pesquisas que entendem o conceito como possibilidade de abordar os fenômenos por um viés socioconstrucionista que não abre mão de um real existente fora do discurso, ou seja, na experiência concreta (França, 2012; França e Lopes, 2017; Silva e Simões, 2014; Sarmiento e Mendonça, 2017).

A preocupação de Quéré não se situa no âmbito da produção de notícias sobre ocorrências do mundo, mas sim na compreensão e análise de um processo mais amplo de “constituição social e simbólica dos acontecimentos”. O autor se interessa pelo que ele chama de “processo coletivo de descrição e individualização de um acontecimento através da sua socialização” (Quéré, 1997, p. 425). Em tal processo as mídias ocupam, certamente, um papel fundamental, na medida em que suas narrativas participam desse trabalho social de constituição simbólica dos acontecimentos. No entanto, elas não são os únicos atores.

A abordagem de Quéré (1997, 2005) inscreve o acontecimento na organização da experiência, portanto na ação e no modo como se dá a recepção pública de um acontecimento, ou seja, a apropriação social que dele é feita em um determinado contexto. É o aspecto da experiência que diferencia e marca o uso do conceito de acontecimento na concepção pragmatista (Quéré, 2005; 2012; França, 2012). Para o sociólogo, antes ou depois de passar pelo processo de simbolização pela linguagem (ser objeto do discurso e de narrativas), que o autor chama de “segunda vida” (Quéré, 2012), um acontecimento é uma ocorrência concreta no mundo, têm uma dimensão existencial, sensível (a “primeira vida”), que toca a experiência dos sujeitos, provoca afetação e uma profusão de sentidos: “os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. São coisas que ocorrem, que se passam” (Quéré, 2011a, p. 179).

O sociólogo enfatiza duas características marcantes do acontecimento. A primeira é que ele possui um poder “hermenêutico”, pois surge como um fenômeno que cria

condições para a interpretação da realidade (passado, presente, futuro; as causas do acontecimento; os problemas que ele revela etc). Ou seja, o acontecimento ajuda a compreender o próprio contexto no qual surge, tendo por isso um poder hermenêutico, revelador (Quéré, 2005, p. 60). A segunda característica marcante de um acontecimento é a “afecção” ou afetação que produz, isto é, o seu poder de afetação, o qual instiga à ação dos sujeitos no transcurso da organização da experiência cotidiana (Quéré, 2005, p.60). O autor fala da “passibilidade do acontecimento”: a dimensão de “travessia” e de “provação” que lhe é inerente, pois ele não só acontece, mas “acontece a alguém”; envolve “um suportar e um agir” (Quéré, 2005, p. 67). Isso porque uma ocorrência: 1) afeta indivíduos ou coletivos que os sentem, experenciam, interpretam; 2) afetados, os sujeitos e diferentes “públicos”<sup>[1]</sup> reagem através de práticas que tentam reorganizar a experiência, colaborando assim para a constituição do acontecimento (Quéré; 2005; Silva, 2014). O sociólogo chama a atenção para a dimensão pragmática do acontecimento: ao mesmo tempo em que é ele provocado por ações, provoca ações e respostas dos indivíduos ou públicos afetados, que atuam sobre ele e o transformam em função da apropriação que dele fazem. É através dessa apropriação (recepção pública, social, coletiva) que o acontecimento é individualizado, adquirindo identidade, sentido e importância como um acontecimento singular, único (Silva, 2014).

Por esta visada, o acontecimento não tem uma natureza intrínseca e um sentido dado previamente (França, 2012; Silva, 2016.). Ele “se torna” (Quéré, 2005, p. 68), a partir de ações e sentidos atribuídos por aqueles que são afetados; adquire individualidade através do que o autor chama de processo de individualização (Quéré, 2005, 2012). Como um processo, a individualização (singularização) é composta por algumas etapas ou dimensões fundamentais, sugeridas por Quéré (2000, 2005) e já utilizadas por outras pesquisas que adotaram esta abordagem do acontecimento (França, 2011; Silva e Simões, 2014; França e Lopes, 2017). Tratam-se de etapas profundamente interligadas: a descrição ou definição do acontecimento, que se refere ao modo como ele é interpretado; a narração, que abarca a identificação de atores centrais e construção da temporalidade; o contexto pragmático no qual se dá a recepção pública, social, do ocorrido; a constituição de problemas públicos ou questões

[1] “Públicos”, na perspectiva pragmatista que orienta a reflexão de Quéré (2005), são grupos ou coletivos sociais que se constituem pela experiência de confrontação com um acontecimento, que se sentem afetados ou interessados pelas questões coletivas ou valores por ele revelados ou tematizados (Silva, 2014).

coletivas; e a normalização do acontecimento.

Entendemos que a discussão feita por Quéré (2005) sobre o processo de individualização e sobre as duas características marcantes de um acontecimento – o seu poder de afetação e o seu poder de revelação – nos fornece elementos para analisar a constituição da queda do avião da Chapecoense como um acontecimento, apreender sentidos e ações por ele desencadeadas e compreender por que afetou e reverberou tanto na sociedade. A partir da fundamentação teórica exposta, delimitamos dois operadores ou dimensões de análise, detalhados a seguir.

Por meio da primeira dimensão de análise – a construção narrativa – interessa-nos verificar dois aspectos. O primeiro diz respeito ao modo como a mídia jornalística analisada – a *Folha de S. Paulo* –, e/ou os diferentes atores sociais citados em seus relatos, descreveram e interpretaram o ocorrido, dando-lhe sentidos: qual é o enquadramento a partir do qual ele é narrado. Este processo de descrição e de atribuição de sentidos ao acontecimento é feito através de “quadros de sentido”, como destacado por França (2011), Silva e Simões (2014), que se apoiam na noção de “quadros da experiência”, elaborada pelo sociólogo Erving Goffman (1991). Esses quadros são matrizes de interpretação sócio-culturais que os indivíduos – e também os jornalistas – usam para definir o que acontece e se posicionar naquela situação (Silva e Simões, 2014, p. 37). O segundo aspecto a analisar na construção narrativa é a constituição da temporalidade do acontecimento, tendo em vista que ele convoca um passado para si e, ao mesmo tempo, abre um novo campo de possibilidades. Trata-se dos passados ou experiências vivenciadas que se relacionam àquela ocorrência, ajudando a compreendê-la, esclarecê-la, interpretá-la; e as possibilidades de futuros abertos, isto é, as consequências do acontecimento (Silva; Simões, 2014).

A segunda dimensão de análise – o poder de afetação – permite observar a forma como o acontecimento afeta ou toca a experiência de indivíduos e/ou coletividades que: *a)* o sentem, vivenciam, interpretam, dão sentidos a ele, porque foram afetados diretamente e sofrem suas consequências ou porque estão interessados pelo que o acontecido revela, tematiza; e *b)* respondem, reagem, através de discursos e ações (Silva e Simões, 2014; França e Lopes, 2017). Esta categoria de análise, portanto, nos ajuda a observar a dimensão pragmática e a recepção pública do acontecimento, que se referem, na abordagem de Quéré (2005), ao modo como uma ocorrência é socialmente recebida, que tipo de ações impulsiona. Também nos ajuda a identificar os públicos configurados

no transcurso das ocorrências e o tipo de práticas com as quais respondem ao ocorrido, já que, na visada pragmatista, um acontecimento não é constituído apenas por sentidos, mas também por ações de diferentes atores (França, 2011; Silva e Simões, 2014). Tais públicos podem ser identificados em diferentes espaços sociais e a partir de diferentes métodos, entre eles nos textos midiáticos, os quais possuem marcas desses públicos, de suas ações e posicionamentos (Silva e Simões, 2014). Assim, buscamos identificar, a partir do material jornalístico da *Folha de S. Paulo*, quem são os públicos ou atores (individuais, coletivos) afetados ou tocados pela queda do avião da Chapecoense? Que tipo de afetação esse acontecimento provocou, quais foram os discursos e ações decorrentes?

## A queda do avião da Chapecoense na Folha de S. Paulo

As notícias sobre a queda do avião que transportava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol (ACF) e outras pessoas começaram a ser divulgadas na madrugada de 29 de novembro de 2016 em portais de internet e nos plantões de redes de televisão e de rádio, em várias partes do Brasil. A informação era de que a aeronave havia caído, na região de Medellín (Colômbia), para onde viajara com o objetivo de disputar, na noite seguinte, dia 30 de novembro, a semifinal de seu primeiro campeonato internacional: a Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional. Além de integrantes e dirigentes da Chapecoense, estavam a bordo profissionais de vários veículos da imprensa que fariam a cobertura do jogo, convidados do clube, como empresários, e outros tripulantes.

O voo 2933, da empresa boliviana LaMia, partiu de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, com destino ao Aeroporto Internacional José María Córdova, em Rio Negro (próximo a Medellín), na Colômbia. Na noite de 28 de novembro de 2016, às 21h58 (29 de novembro de 2016 às 2h58, no Brasil), a aeronave caiu em meio à mata, na localidade de Cerro El Gordo, cerca de 40 quilômetros do aeroporto onde pousaria. Poucas horas depois das primeiras informações, as notícias já haviam se espalhado pelo mundo, contribuindo para transformar a queda do avião da Chapecoense em um dos acontecimentos recentes no Brasil de maior repercussão público-midiática, inclusive no exterior. Na queda, 71 pessoas morreram e seis sobreviveram. Dentre as 71 vítimas fatais, havia 19 jogadores, 21 profissionais da imprensa, 13 trabalhadores da comissão

técnica, nove dirigentes, dois empresários e sete tripulantes. Dos sobreviventes, três são jogadores, um é jornalista, além de uma comissária e um técnico de voo.

A queda do avião da Chapecoense continuou repercutindo ao longo de várias semanas, principalmente na mídia brasileira, e voltou a ser tratada na cobertura da imprensa nacional e de Santa Catarina um ano depois, em novembro de 2017. Esse acontecimento e seus desdobramentos são analisados aqui à luz da grade analítica antes exposta, buscando identificar como se deu a sua construção narrativa e sua afetação. Nos limites deste artigo, trabalhamos apenas com o material veiculado pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Este jornal é, há muitos anos, um dos principais diários do Brasil, seja em termos de circulação nacional ou de influência sócio-política, por sua capacidade de inserir temas que influenciam na agenda pública e das demais mídias. Além disso, a *Folha* dedicou significativo destaque à queda do avião em sua cobertura.

A coleta de dados foi realizada no acervo digital do jornal, disponibilizado no site, construindo um *corpus* composto de 36 textos. Nele incluiu-se tanto materiais informativos quanto opinativos, por entendermos que a cobertura de um acontecimento ou tema por parte de uma mídia não se limita às estratégias de levantamento e apuração de informações por parte de repórteres; ela envolve também o conjunto de materiais produzidos no âmbito dos espaços opinativos, tais como colunas, editoriais etc, os quais colaboram na produção de sentidos. Os 36 textos jornalísticos foram publicados pela *Folha* em dois períodos específicos: 33 textos são relativos à primeira semana após a queda do avião (29 de novembro a 05 de dezembro de 2016), para abranger o dia da ocorrência e os desdobramentos nos primeiros dias; e três textos publicados um ano depois (25 de novembro a 05 de dezembro de 2017).

## A construção narrativa: sentidos e temporalidades

Em sua construção narrativa, a *Folha de S. Paulo* destaca tanto as características de um acontecimento típico desta categoria de ocorrências, definindo-o como uma “queda de avião” (Geraque e Lobel, 2016a, p. B2), um “acidente aéreo” (Cosenzo, 2016, p. B4), uma “tragédia” (Mena, 2016, p. B5), e algumas vezes também como um “desastre” (Victor e Vizoni, 2016, p. B2) e um “trauma” (Gagnani e Rodrigues, 2016, p. B5). Trata-se de um tipo de acontecimento com características próprias, reconhecidas socialmente: vítimas fatais e/ou sobreviventes, equipes de busca e socorro, identificação de corpos, etc. Este é

o quadro de sentido a partir do qual o acontecimento é definido e narrado no jornal – um quadro compartilhado socialmente e que indica o que aconteceu ali: uma queda de avião, qualificada como trágica, a qual provocou a morte de muitas pessoas e envolve muitos atores, tais como vítimas, familiares, autoridades, especialistas, entre outros.

No entanto, não se trata de uma tragédia qualquer. O que ganha destaque na definição do acontecimento na *Folha* e no modo como ele passa a ser narrado, são as características que o singularizam e o diferenciam de outras quedas de avião. Trata-se de uma tragédia classificada como “a maior do esporte brasileiro” (Gagnani e Uribe, 2016, p. B1), que interrompe abruptamente o percurso de sucesso de um time que se tornou a sensação do futebol em um país mundialmente conhecido pelo vínculo com esse esporte. É esse aspecto que ganha destaque na *Folha*, em sua capa de 30 de novembro de 2016, dia seguinte à queda: “A tragédia interrompe a surpreendente ascensão do time de Chapecó (SC), cidade de 210 mil habitantes. Em apenas sete anos, subiu da quarta para a primeira divisão do Brasileiro e tornou-se sensação no país. É um dos raros exemplos de sucesso dentro e fora de campo” (Folha de S. Paulo, 2016, p. 1).

A construção narrativa da *Folha* trata de destacar, então, características que singularizam este acontecimento como “o maior acidente envolvendo nomes do esporte na história do país” (Folha de S. Paulo, 2016, p. B1). Para isso, mostra a lista das 71 vítimas fatais e dos seis sobreviventes; a “comoção mundial” (Geraque e Lobel, 2016d, p. B1); a onda de solidariedade provocada pela tragédia com manifestações de luto, homenagens e união provenientes de várias partes do mundo e dirigidas a familiares e amigos das vítimas, à Chapecoense e aos brasileiros. Destaca também alguns dos ídolos do time mortos na queda do avião (Cosenzo, 2016, p. B4). Chama a atenção para o santuário improvisado no local da queda – o “Morro do Desastre” –, nas montanhas de Cerro Gordo, município de *La Unión*, a 50 km de Medellín, na Colômbia (Geraque e Lobel, 2016d, p. B1), a mata destroçada com escombros do avião, símbolos da Chapecoense e mensagens de luto deixadas neste local (Victor; Vizoni, 2016, p. B2). Menciona o modelo e as características da aeronave fretada da empresa boliviana LaMia, o trajeto feito pelo avião, detalhes da ocorrência (Cosenzo, 2016), a identificação da caixa preta, e, principalmente, as hipóteses principais para a queda do avião, como pane seca por falta de combustível ou avião intruso (Lobel, 2016; Geraque e Lobel, 2016B). Salienta o luto e o velório coletivos (Colucci, 2016), sobretudo em Chapecó, descrevendo as formas da

vivência do luto no município, a vigília de torcedores, a preparação da cerimônia coletiva no estádio de futebol e “a angústia da espera dos corpos”. Eles foram trazidos da Colômbia por três aviões da Força Aérea Brasileira e depois transladados do aeroporto de Chapecó em três caminhões abertos, no “gigantesco cortejo” na cidade, até o estádio do clube, onde os torcedores esperavam pelo velório coletivo (Gagnani, 2016, p. B3; Gagnani e Rodrigues, 2016, p. B5). A situação foi descrita da seguinte maneira:

*A vontade era receber o time quase como campeão. Em vez disso, os moradores de Chapecó (SC) viram os jogadores do clube amado entrarem no estádio em caixões. [...] Sob forte chuva depois de dias seguidos de sol, o município do oeste catarinense recebeu na manhã deste sábado os caixões de 50 dos mortos, com milhares de moradores se despedindo das vítimas no estádio, nas ruas e no aeroporto. [...] Por WhatsApp, moradores de Chapecó foram convocados a se voluntariar na tradução do evento para jornalistas estrangeiros – foram mais de mil credenciados, de mais de 15 países. Os torcedores repetiram a espontaneidade dos dias anteriores e cantaram gritos de guerra como se os jogadores estivessem em campo, chamando cada um pelo nome. [...] No fim da cerimônia, familiares das vítimas deram uma volta pelo gramado, erguendo fotos delas e camisas dos jogadores. O público, emocionado, respondeu gritando cada um dos nomes. À noite, em um cemitério da cidade, amigos e parentes sepultavam um jovem da delegação da Chapecoense. Finda a cerimônia, todos viraram para o lado, andaram alguns passos e enterraram outro amigo. E quando não parecia mais ser possível suportar tanta dor, a cena se repetiu mais uma vez (Gagnani e Uribe, 2016c. p. B1).*

Se há uma forma mais ou menos consensual de interpretar um acontecimento como a queda do avião da Chapecoense – “tragédia”, “desastre”, “trauma” –, tanto na sociedade quanto numa mídia jornalística, como a *Folha de S. Paulo*, não significa que outros enquadramentos do acontecido não tenham atravessado a narrativa. A *Folha* dá considerável destaque às prováveis causas para a queda do avião, sobretudo à pane seca motivada por falta de combustível, e às possíveis responsabilidades. Essa ênfase está presente ao longo da semana que se seguiu à ocorrência, com 12 notícias na versão digital do jornal

impresso. A construção de um enquadramento relacionando a explicação para a queda à falta de combustível na aeronave – e, desta forma, à irresponsabilidade da LaMia e do piloto-sócio Miguel Quiroga –, torna-se mais presente no segundo e terceiro dia após o fato (01 e 02 de dezembro de 2016). Neste momento, a narrativa aciona ações passadas próximas ao ocorrido que ajudariam a esclarecer as causas da queda: o avião tinha plano de voo falho, sem margem de combustível para imprevistos, levando especialistas a considerar que a decolagem naquelas condições teria sido uma “irresponsabilidade” e um descumprimento de normas de segurança (Geraque e Lobel, 2016d, p. B1). Em contexto posterior, igualmente, quando a queda do avião completou um ano, a narrativa da *Folha* também recupera ações passadas semanas antes da ocorrência e que revelam problemas de irregularidades em procedimentos tanto da empresa LaMia, quanto da seguradora, e de órgãos aéreos de controle e fiscalização, no Brasil e na Bolívia (Aleixo et. al. Cosenzo, Conde, 2017, p. 1).

A ênfase maior da cobertura em torno a causas e responsabilização é observada, sobretudo, a partir da edição de 03/12/2016. Há a incorporação de outros sentidos para explicar o que aconteceu, indicando uma disputa interpretativa sobre o acontecimento e as responsabilidades – embora tal disputa não ocupe muito destaque na construção efetuada pelo jornal. Representantes da empresa LaMia tentam responsabilizar órgãos aeronáuticos. Da mesma forma, os familiares do piloto dão outra interpretação para o que houve: “uma fatalidade” (Barbosa, 2016, p. B4). Nos dias seguintes, com o destaque público-midiático para o velório coletivo das vítimas, a *Folha* já não mostra tanta ênfase nas críticas feitas à empresa LaMia. No entanto, no interior dos diferentes espaços discursivos do jornal, como o de colunistas, há outros sentidos atribuídos às responsabilidades pela queda do avião: “a maior tragédia do futebol brasileiro” teria sido “responsabilidade do piloto da empresa e do dirigente [da Chapecoense] que a contratou” (Kfoury, 2016, p. B2). Assim, se a queda do avião não chega a desencadear (ao menos na *Folha de S. Paulo*) uma disputa simbólica mais intensa acerca de sua própria definição (tragédia, desastre, acidente, fatalidade, crime por omissão), observa-se uma disputa em torno de suas causas e responsabilidades.

A constituição de uma temporalidade para o acontecimento, convocando passados que ajudam a interpretar a ocorrência presente e apontando futuros abertos, é parte importante da narração de um acontecimento. Diversas ocorrências passadas são recuperadas, cumprindo distintas funções: entender as causas da queda do avião, ajudar a

interpretar o que houve, comparar o ocorrido a outros similares para avaliar suas dimensões, caracterizá-lo, imaginar a que futuros e consequências ele aponta. A construção narrativa da *Folha de S. Paulo* relembra outros acidentes aéreos parecidos que abalaram o esporte em todo o mundo (Geraque; Lobel, 2016, p. B2). Relembrar tais acontecimentos passados serve para atualizá-los na memória coletiva. Além disso, cumpre outros propósitos. Assim, a lembrança da morte do cantor de tango argentino Carlos Gardel, em acidente entre dois aviões no aeroporto de Medellín, junto com outras 16 pessoas, em 1935, é lembrada como forma de “ajudar a compreender o espírito solidário do povo de Medellín” (Tostão, 2016, p. B6). Por sua vez, a “quase tragédia” com o time do Corinthians, em 1996, em aeroporto do Equador, e a queda do avião que transportava a banda Mamonas Assassinas, em São Paulo, no mesmo ano (Geraque, 2016, p. B6), são lembradas para discutir o problema da (in)segurança e desconfiança em voos fretados, como o da Chapecoense.

A queda do avião que transportava o time da Chapecoense também é associada e comparada à outra experiência traumática do passado recente no Brasil – o incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria (RS), que matou 242 pessoas em 2013. Assim, destaca-se, entre outras questões, que a “reconstrução de Chapecó” conta com uma equipe de saúde da cidade gaúcha. Salienta-se ainda a quantidade de mortos, a juventude das vítimas e o vínculo delas com a cidade – universitários, no caso de Santa Maria/RS, e jogadores de um time local, de Chapecó/SC (Gragnani; Rodrigues, 2016, p. B5). E evidencia-se o papel que este tipo de ocorrência desempenharia na sociedade – o de estimular valores sociais como a solidariedade e a união: “Mais que destruir, uma tragédia como essas pode unir a população. Aqui [em Chapecó] é união total” (Gragnani; Rodrigues, 2016, p. B5).

O acontecimento faz rememorar ainda e, principalmente, a própria história do time Chapecoense, agora reconfigurada. A *Folha* relembra que a Chapecoense nasceu em 1973, alcançou o acesso à série C do campeonato Brasileiro em 2009, subiu rapidamente para as séries B, depois A e, em 2016, o “Verdão do Oeste”, apelido dado pelos torcedores, conseguiu a classificação inédita para a final com o Atlético Nacional, de Medellín (Rangel; Rodrigues, 2016, p. B6). “A Chapecoense nasceu do nada, virou um gigante, e agora o quê? Agora uma tristeza profunda nos emudece”<sup>[2]</sup> (Lobel, 2016, p. B2).

Da mesma forma, a queda do avião recupera a história da própria cidade, a maior do oeste catarinense, polo nacional da agroindústria (carnes suína e aviária), que se preparava para comemorar seu centenário de fundação em 2017 quando foi atingida pela “tragédia que modificou as prioridades do município” (Gragnani, 2016; p. B4). Lembra-se também a relação histórica com os índios caingangues que dão nome tanto à cidade (o nome original era “Xaçepó”, significando caminho da roça) quanto ao estádio de futebol (Arena Condá), uma homenagem ao índio que vivia na região. O acontecimento faz convocar ainda outro passado, considerado “outro trauma” existente e pouco falado na cidade, conforme entrevistados pela *Folha*<sup>[3]</sup>: em 1950, quatro pessoas foram linchadas após terem supostamente queimado uma igreja (Gragnani, 2016, p. B3). A queda do avião que transportava o time local representa, assim, um novo acontecimento traumático para a cidade, outro capítulo incorporado à sua história. Se o Brasil estava “vivendo o luto verde do jogo que não aconteceu” (Kfoury, 2016, p. B2), “o luto que tomou conta de Chapecó” (Gragnani, 2016, p. B3) é associado à parte constitutiva do município - o seu time -, que teria sido dizimada pela “tragédia”.

Além de retomar experiências passadas similares ou correlacionadas, que ajudam a explicar as causas, revelam práticas irregulares ou permitem comparar e dimensionar o acontecimento, os relatos analisados apontam possibilidades de futuros abertos pela queda do avião, ou seja, as consequências do ocorrido. Entre os futuros, destaca-se sobretudo a incerteza sobre a recuperação da Chapecoense, já que 19 dos 33 atletas do elenco morreram (Gragnani; Rodrigues, 2016, p. B5). O processo de reconstrução da Chapecoense é tratado pela *Folha* principalmente ao completar um ano da queda do avião, quando aborda a instabilidade do time em campo, mas também o alcance de metas atingidas nos campeonatos estadual e nacional apenas quatro meses após o time ter sido “devastado” (Aleixo, 2017, p. B9; Aleixo, Cosenzo, Conde, 2017, p. B1).

No horizonte de futuros instaurados pelo ocorrido, menciona-se ainda a possibilidade de longa disputa judicial por parte de familiares de vítimas para receber indenização da companhia aérea, tendo em vista que a hipótese de pane seca como causa para a queda é um obstáculo ao seguro para as famílias (Conde, 2016, B4). Além de ações judiciais, cita-se o processo de recuperação e superação por parte de sobreviventes e familiares, que

[2] Fala atribuída pela *Folha de S. Paulo* a Alvir Pelisser, de 80 anos, um dos fundadores do clube, em 1973 (LOBEL, 2016, p. B2).

[3] Falas atribuídas pela *Folha* à professora de história de Chapecó, Elisabete Dal Piva.

precisam recomeçar a “vida depois da tragédia” (Aleixo, 2017, p. B9), conforme veremos abaixo, na análise da afetação produzida pela queda do avião. Da mesma forma, o resultado das investigações<sup>[4]</sup>, que também integram o futuro aberto pelo acontecimento.

## A afetação dos públicos: luto e solidariedade coletivos

O acontecimento, conforme a abordagem aqui adotada, é um fato concreto com grande poder de afetação, que suscita inquietações, exige escolhas, provoca ações, estimula e revela sentidos que dizem da sociedade onde ele ocorre (França; Lopes, 2017, p. 73-74). Em torno da queda do avião, dos seus desdobramentos e da narrativa construída pela mídia, diferentes atores ou públicos manifestaram algum tipo de interesse ou afetação, posicionando-se com ações, comportamentos, discursos. Pela narrativa da *Folha de S. Paulo*, pode-se identificar alguns deles. Esse aspecto é importante, pois permite observar a dimensão pragmática e existencial do acontecimento. Assim, entre os públicos ou coletivos configurados pela queda do avião, Destaca-se “o país” como um todo e, em especial, “moradores de Chapecó” que se sentiram interpelados e desempenharam um conjunto de atividades. Dentre as quais, cita-se que eles se deslocaram para o estádio, rezaram, fizeram vigílias, homenagens e vivenciaram o luto coletivo, lotaram a arena de futebol e a igreja na cidade para a missa e a homenagem às vítimas (Menin, 2016, p. B8; Geraque; Lobel, 2016b; Gragnani, 2016, p. B3, p. B4), como segue no trecho do jornal:

*O Brasil acordou nesta terça-feira, 29 de novembro, sob o impacto da notícia do maior acidente envolvendo nomes do esporte na história do país. [...] vive desde as primeiras horas desta terça-*

*-feira um sentimento de luto coletivo em razão da tragédia com o time catarinense da Chapecoense. [...] Por volta das 9h, a Arena Condá reunia mais de 500 pessoas, incluindo familiares das vítimas. Quando um dos torcedores começava a rezar, era seguido pelos outros. [...] Vestidos com a camisa do time, torcedores carregavam bandeiras e deixavam flores na porta do estádio (Folha de S. Paulo, 2016, p. B1).*

Além da menção a públicos amplos, a construção narrativa da *Folha* indica a afetação de outros grupos de diferentes campos<sup>[5]</sup> sociais e suas respectivas ações. O acontecimento interpela empresários e comerciantes locais, que se misturam com a diretoria do clube e se dispõem a ajudar. Indígenas da etnia caingangue que vivem na aldeia Condá também homenageiam às vítimas (Gragnani; Rodrigues, 2016, p. B5), assim como pais e mães que levavam seus filhos às mesmas escolas dos filhos dos jogadores de futebol (Gragnani, 2016b). O acontecimento afeta também familiares e amigos das vítimas, que, abalados, foram atendidos por equipes de médicos e psicólogos (Gragnani; Rodrigues, 2016). Além disso, posteriormente, familiares e sobreviventes acionam a Justiça para reivindicar indenizações.

No campo da política, tem-se também uma dimensão da afetação produzida por esse acontecimento. A narrativa da *Folha* destaca o luto oficial de três dias em todo o Brasil. Salienta ainda o posicionamento de outros países, como do governo dos Estados Unidos, o qual manifestou solidariedade e condolências a familiares e pessoas próximas dos que morreram: “o povo americano está com brasileiros e colombianos neste momento difícil” (Rangel; Rodrigues, 2016). Na área do Esporte, a queda do avião da Chapecoense também desencadeou diversos tipos de reações. Entre elas, a Confederação Brasileira de Futebol adiou campeonatos que ocorriam

[4] Em abril de 2018, a Agência Aeronáutica Civil da Colômbia apontou que o piloto decidiu não parar para abastecer, mesmo sabendo que não havia combustível suficiente; a aeronave entrou em estado de emergência 40 minutos antes da queda; e a empresa LaMia estava em situação financeira precária. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) foi formada no Senado brasileiro para pressionar pelos pagamentos. Ano após ano, a imprensa tem noticiado a mesma informação: as famílias das vítimas esperam da Justiça uma possível indenização do seguro da aeronave da LaMia. O valor foi estipulado em um processo judicial que tramitou nos Estados Unidos. O tribunal da Flórida aceitou o processo porque a empresa LaMia possuía acordos comerciais com os EUA. A decisão, proferida em setembro de 2020, autoriza as famílias a buscarem a indenização por meio das seguradoras. Os representantes das famílias esperam que a homologação norte-americana possa agilizar a ação que tramita no Brasil. Dos seis sobreviventes da tragédia, cinco continuam vivos, tendo em vista que o jornalista Rafael Henzel faleceu em março de 2019 durante uma partida de futebol em Chapecó (SC).

[5] O termo campo ou campo social é usado nesta pesquisa como sinônimo de termos como “área”, “segmento”, “setor” social ou similares, não sendo utilizado no sentido discutido pelo sociólogo Pierre Bourdieu.



no Brasil e decretou luto de sete dias (Rangel; Rodrigues, 2016); a Fifa confirmou presença de seu presidente no velório coletivo, em Chapecó, e onze clubes de futebol brasileiros emitiram nota se comprometendo com o empréstimo gratuito de atletas (Rangel; Rodrigues, 2016). A onda de manifestações de solidariedade se espalhou por outros países, onde os maiores times de futebol do mundo e seus jogadores se uniram à “tristeza comum” (Uribe; Gragnani, 2016, p. B2), fizeram homenagens e manifestaram solidariedade: “ali não morrem só as pessoas, morrem sonhos”<sup>[6]</sup> (Colucci, 2016, p. B8).

Na imprensa, profissionais da área manifestam o choque e o pesar com a tragédia, bem como solidariedade a familiares e amigos. O acontecimento provocou reações, como da Associação de Cronistas Esportivos de São Paulo, a qual destacou o modo como o acontecido atingiu a cobertura jornalística esportiva do país, com a morte de 20 profissionais da imprensa, sendo que metade deles tinha menos de 35 anos de idade e estava no início ou no meio da carreira (Folha de S. Paulo, 2016, p. B5). Na construção narrativa da *Folha* salienta-se ainda a atuação de pessoas na Colômbia, local da queda do avião. Milhares de colombianos se reuniram no estádio Atanásio Girardot, em Medellín, no mesmo dia e hora em que ocorreria o jogo:

*[...] uma multidão vestida de branco conduziu comovente homenagem póstuma aos brasileiros mortos na tragédia. Na convocação para a cerimônia, o Atlético Nacional pedia para todos irem ao estádio: “vestidos de branco e com uma vela em símbolo de solidariedade”. Os torcedores foram além. Estavam de branco sim, mas muitos vestiam camisetas, vendidas ao lado de fora da arena, com os escudos dos dois times. O estádio com capacidade para 44 mil pessoas estava cheio, e milhares não conseguiram entrar. Dentro, houve uma cerimônia inesquecível (Victor, 2016, p. B5).*

Técnicos, especialistas e autoridades em aeronáutica, no Brasil, Colômbia e Bolívia, também fazem parte dos públicos afetados ou interessados, de alguma forma, pelo acontecimento. São acionados para comentar e dar explicações sobre os possíveis fatores da queda do avião (Geraque; Lobel, 2016c) e sobre as responsabilidades. A Aeronáutica da Colômbia confirma que o tanque estava vazio antes de o avião cair e matar 71 pessoas

(Geraque; Lobel, 2016c). Posicionam-se diretores da empresa LaMia, os quais admitem que a distância a ser percorrida pelo avião estava no limite, mas descartam falha humana (Geraque; Lobel, 2016b). Posteriormente, eles responsabilizam o órgão público aeronáutico a quem caberia ter feito o controle e impedido a decolagem da aeronave com combustível insuficiente para o trajeto (Geraque; Lobel, 2016b). A *Folha* ainda incorpora à sua narrativa – sem muita ênfase – a esposa, o pai e outros familiares do piloto da aeronave. Eles pedem desculpas aos brasileiros, se dizem magoados com as interpretações responsabilizando o piloto pelo ocorrido, defendem que ele não pode ser criminalizado: “não é um bandido” (Barbosa, 2016, p. B4). A discussão da hipótese de falta de combustível, as possíveis responsabilidades do piloto e da empresa – que marcam o enquadramento da tragédia na narrativa da *Folha* – impactam diretamente na apólice de seguro contratada, abrindo o horizonte de incertezas acerca de indenizações a familiares de vítimas.

A narração da *Folha* nos mostra esses variados públicos interessados ou afetados pelo ocorrido, ao mesmo tempo em que indica como eles vão atuando e se manifestando sobre a queda do avião, participando, assim, do processo de constituição do acontecimento. Mesmo um ano depois, em 26 e 29 de novembro de 2017, a narrativa do jornal ainda mostrava reverberações na sociedade. Evidenciava o acontecimento tocando a experiência de pessoas e grupos sociais, tais como sobreviventes, familiares, clube, instituições envolvidas nas investigações, e impulsionando ações. Destacava que as autoridades e instituições encarregadas das investigações na Colômbia e na Bolívia haviam divulgado apenas um relatório preliminar, reforçando a tese de falta de combustível atestada pela inexistência de explosão antes da queda (Aleixo, Cosenzo, Conde, 2017, p. B1). Também mostrava a conclusão do inquérito pelo Ministério Público Federal brasileiro, em outubro de 2017, o qual indicava que a Chapecoense não teria sido negligente ao contratar a LaMia, mas apontava a possibilidade de irregularidades e a fragilidade nas autorizações expedidas pela ANAC para voos fretados.

A *Folha* destacava ainda em 2017 a luta por indenizações, como no caso das viúvas de pelo menos seis jogadores mortos que foram à Justiça exigir do clube de futebol direitos de imagem, danos morais e pagamento de pensão: “A Chapecoense me deu meu marido em um caixão se desfazendo. Ele saiu de casa vivo e voltou morto”<sup>[7]</sup>

[6] Declaração atribuída pela *Folha* ao ex-jogador Falcão.

[7] Fala atribuída pela *Folha* a Valdécia Borges de Moraes Paiva, viúva do jogador Gil (Aleixo, 2017, p. B9), no dia 29/11/2017.

(Aleixo, Cosenzo, Conde, 2017, p. B1). A Chapecoense, por sua vez, aparece na narrativa do jornal como um clube que teria pago as rescisões trabalhistas às famílias, doado valores arrecadados em amistosos e que rechaça responsabilidade pelo ocorrido (Aleixo, Cosenzo, Conde, 2017, p. B1). O modo como o acontecimento continua afetando a vida dos familiares das vítimas e os sobreviventes também é um destaque: os recomeços dos seis sobreviventes, os projetos de “vida depois da tragédia”, a recuperação física e psicológica e a forma como lidam e/ou tentam superar o trauma (Aleixo, 2017).

Por meio da cobertura da *Folha* e da narrativa que ela constrói, observa-se um acontecimento que produziu afetação, teve consequências e impulsionou ações e posicionamentos no Brasil, Colômbia, Bolívia e outros lugares do mundo. Pessoas em geral, políticos, atletas, torcedores, figuras públicas e entidades de vários tipos se expressaram mostrando pêsames, respeito e solidariedade ao time. Nos três países envolvidos diretamente na tragédia, instituições públicas são cobradas para que empreendam ações visando dar respostas ao ocorrido e às suas consequências. Um acontecimento, como nos diz Quéré (1997; 2005), continua a acontecer enquanto perdurarem os efeitos que produz naqueles que têm a sua experiência por ele atravessada. Ao completar, em 2017, um ano do ocorrido, conforme o material empírico aqui analisado, ainda tinha, por um lado, sobreviventes tentando superar o vivenciado e reconstruir suas vidas, assim como familiares cobrando na Justiça as responsabilidades e indenizações. Por outro lado, havia também a Chapecoense afirmando não poder ser responsabilizada. O clube perdeu vários jogadores e precisou se reconstruir, mas também alcançou projeção social, esportiva e financeira a partir daquela ocorrência. Permanecia ainda a cobrança dirigida a instituições para uma resposta efetiva ao ocorrido e às suas consequências: morte de pessoas, vítimas, reivindicação de indenizações e penalizações.

Mesmo em 29 de novembro de 2020, quatro anos depois, a queda do avião da Chapecoense ecoava no cenário social e midiático, embora sem a força da afetação provocada em diferentes públicos no momento de sua emergência. No entanto, se, de um lado, a ruptura na experiência pública, causada pela queda do avião, foi normalizada e suturada por meio de uma intensa comoção mundial, de manifestações de solidariedade e luto coletivo, por outro lado, públicos mais diretamente afetados (sobreviventes e familiares de vítimas) continuam sentindo os efeitos do acontecimento, vivenciados na espera pela reparação ainda não concretizada.

## Considerações finais

Ao final de nosso percurso, cabe resgatar alguns aspectos que ajudam a compreender melhor de que modo a queda do avião da Chapecoense foi interpretado, como e por que teve tamanha repercussão – questões que orientaram a presente pesquisa. Na análise da construção narrativa efetuada pela *Folha de S. Paulo*, atentamos à forma como o acontecimento foi interpretado por diferentes atores e não apenas pela mídia jornalística. Encontramos que a queda do avião não chegou a evidenciar uma clara disputa de sentidos sobre a sua definição. O que aconteceu foi predominantemente definido como acidente aéreo, desastre e, principalmente, como a maior tragédia da história do esporte brasileiro. Outros sentidos, porém, foram acionados no processo interpretativo, embora sem muito destaque. O que houve foi uma fatalidade, na interpretação da família do piloto. Ou, ainda, um crime, conforme a interpretação depreendida dos discursos que atribuem a responsabilidade ao piloto, à empresa LaMia, da qual ele também era sócio, e até mesmo à Chapecoense pela contratação de uma empresa com um histórico de problemas em voos. O que está no centro desta disputa interpretativa é a quem caberá a responsabilidade pelo ocorrido e por indenizações reivindicadas desde então na Justiça.

Ainda em relação à narração, observa-se o quanto o acontecimento convoca diferentes tempos. Destaca-se aqui, sobretudo, como ele faz rememorar ações ou ocorrências passadas que cumprem distintos papéis. Um deles é ajudar a explicar o próprio acontecimento, suas causas e dimensões, e a interpretá-lo a partir do que ele tem de semelhante e de singular em relação a outras ocorrências similares. Rememorar também insere o que houve numa trama de ocorrências interligadas à história da própria Chapecoense e da cidade de Chapecó, que passam a ser mundialmente conhecidas a partir de então. Nota-se, portanto, o papel dos acontecimentos da atualidade – e da cobertura feita pelas mídias jornalísticas – na elaboração permanente da memória coletiva.

Além disso, observa-se o poder de afetação em variados públicos: torcedores, jogadores, familiares e clubes de futebol, inclusive de outros países; moradores e empresários de Chapecó e região; jornalistas e imprensa, entre outros, no Brasil e no exterior. O que teria dado a este acontecimento tamanho poder de afetação? Entre os fatores estão certamente o número de mortos (71) e os seus vínculos com o futebol, a imprensa e o empresariado – campos sociais significativamente valorizados, especialmente o futebol no Brasil. Pode-se citar ainda o fato de a

queda do avião ter interrompido abruptamente a trajetória de sucesso de um time do interior do Brasil, orgulho de sua cidade, que estava em plena ascensão nacional e despertando simpatia de outras torcidas. Tal afetação não chega a desencadear - ao menos dentro dos limites da narrativa elaborada pela *Folha de S. Paulo* -, uma discussão mais ampla sobre as causas e as responsabilidades pela queda, principalmente no campo da justiça. Essa discussão, na cobertura jornalística, ficou limitada ao registro mais factual em alguns dias do material analisado.

A própria demora na conclusão das investigações por parte de autoridades públicas é ilustrativo da falta de discussão sobre o problema e da falta de resposta a afetados diretos - às famílias - que buscam a reparação, via justiça, pela morte de parentes. E a ausência deste debate em um acontecimento desta magnitude é revelador do modo como a sociedade brasileira, ou segmentos dela, se apropriam deste tipo de ocorrência e adotam determinados tipos de comportamentos e ações - e não outros - para lidar com questões coletivas ali reveladas: o descumprimento a normas básicas de segurança no transporte de passageiros, a omissão de organizações públicas e privadas responsáveis por garanti-la. Por outro lado, importa destacar que a afetação produzida pela queda do avião desencadeou um conjunto de ações que revela o quanto este tipo de acontecimento, trágico, é socialmente apropriado como momento para a afirmação de determinados valores sociais. Destaca-se aqui especialmente um certo tipo de solidariedade ao outro e de união diante da dor e da perda - valores que parecem ser atualizados na experiência pública e coletiva diante de ruptura provocada pelo acontecimento.

Seja pela ausência de um debate mais denso sobre problemas coletivos implicados nesse tipo de ocorrência (negligências e omissões de empresas privadas e órgãos públicos) ou seja pelo conjunto de ações desencadeadas (comoção coletiva, luto, expressões de dor e de solidariedade), é interessante notar, conforme o discutido por Quéré (2005), como o próprio acontecimento colabora para esclarecer sobre o contexto no qual ele emerge. Assim, observar uma ocorrência como a queda do avião da Chapecoense nos permite ver um pouco da própria sociedade brasileira e da forma como ela, ou segmentos dela, responde ao que é exposto pelo ocorrido e seus desdobramentos.

Certamente, os resultados da análise efetuada e as considerações aqui levantadas são condicionados pelas próprias escolhas do objeto empírico (textos da *Folha de S. Paulo*) - e o recorte temporal adotado (relatos dos sete primeiros dias após a queda do avião e de dez dias do período em que completara um ano). Uma outra pesquisa,

com ampliação do material empírico - seja em seu recorte temporal, seja na inclusão de outras mídias -, poderia identificar talvez uma discussão social mais enfática sobre as causas e as responsabilidades. O recorte utilizado no presente estudo aponta para uma considerável atenção da mídia analisada nos primeiros dias do acontecimento, a progressiva redução de visibilidade nos dias seguintes até o quase desaparecimento da cobertura um ano após. Tal percurso vai ao encontro da tendência, por parte da imprensa, de dedicar amplo destaque a uma ocorrência tão logo ecloda na esfera social para, em seguida, substituí-la por outras capazes de captar a atenção pública. Influenciado por essa dinâmica do tratamento midiático, o debate social acerca dos acontecimentos e dos problemas por eles evidenciados acaba sendo pouco estimulado.

No entanto, afirmações mais contundentes a esse respeito, bem como prospectivas acerca de práticas jornalísticas de tragédias, demandariam um estudo específico, com outras ferramentas teóricas e metodológicas, para a análise da cobertura realizada. Este não era o objetivo principal do presente trabalho - mais interessado em apreender os sentidos e as ações provocadas por uma ocorrência com poder de afetar e mobilizar diferentes atores, para além da mídia e de seu trabalho de construção narrativa. Por isso, consideramos oportuno registrar que a abordagem teórica e metodológica do acontecimento adotada nesta análise nos parece rica para pesquisar objetos semelhantes. Ela possibilita radiografar o modo como uma ocorrência vai se configurando social e simbolicamente na e através da experiência coletiva. Sem negligenciar a narrativa tecida pela mídia, tal abordagem permite ver as marcas dos diferentes atores que, com suas práticas e posicionamentos, participam da configuração de um acontecimento.

## Referências

- ALEIXO, F. 2017. Vida depois da tragédia. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.382. Caderno Esporte, p. B9, São Paulo, 29 nov.
- ALEIXO, F.; COSENZO, L.; CONDE, P. 2017. Tragédia da Chape completa um ano sem conclusão sobre culpados. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.379. Caderno Esporte, p. B1. São Paulo, 26 nov.
- BARBOSA, J. 2016. Mulher de piloto pede desculpas e diz que ‘ele não é bandido’. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.021. Caderno Esporte, p. B4. São Paulo, 3 dez.
- BENETTI, M.; FONSECA, V.P.S. (Org.). 2010. *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis, Insular, 1: 19-42.
- CHARAUDEAU, P. 2006. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, p. 131-142.
- COLUCCI, C. 2016. Luto coletivo empresta dor para chorarmos nossas próprias perdas. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte, p. B8. São Paulo, 30 nov.
- CONDE, P. R. 2016b. Confirmação da pane seca barraria pagamento de seguro para famílias. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.020. Caderno Esporte, p. B4. São Paulo, 2 dez.
- COSENZO, L. 2016. Herói da semifinal, goleiro Danilo morreu no hospital. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte, p. B4. São Paulo, 30 nov.
- COSENZO, L.; CONDE, P.; RANGEL, S. 2016. CBF e clube preveem pagamento de seguro para famílias. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.019. Caderno Esporte, p. B3. São Paulo, 1º dez.
- FOLHA DE S.PAULO. 2016. 71 morrem no maior acidente do esporte brasileiro. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte. São Paulo, 30 nov, p. B1.
- FOLHA DE S.PAULO. 2016. Novatos e veteranos da imprensa estavam em voo. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte. São Paulo, 30 nov, p. B5.
- FOLHA DE S.PAULO. 2016. Queda do avião da Chapecoense mata 71 pessoas; 6 sobrevivem. Ano 96, n. 32.018, São Paulo, 30 nov, p. 1.
- FRANÇA, V. 2011. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: *Caleidoscópico*, 10: 59-72.
- FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). 2012. *Acontecimento – reverberações*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 21-38.
- FRANÇA, V.; LOPES, S. 2017. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. In: *Matrizes*, São Paulo, 11: 71-87.
- GERAQUE, E. 2016. Acidente alerta o mercado de voos fretados. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.022. Caderno Esporte, p. B6. São Paulo, 4 dez.
- GERAQUE, E; LOBEL, F. 2016b. Avião da Chape tinha plano de voo falho e não poderia ter decolado. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.020. Caderno Esporte, p. B1. São Paulo, 2 dez.
- GERAQUE, E; LOBEL, F. 2016d. Conversa de piloto e autoridades reforçam tese de pane seca em voo da Chapecoense. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.019, 2016d, Caderno Esporte, p. B1. São Paulo, 1º dez.
- GERAQUE, E; LOBEL, F. 2016. Pane seca e ‘avião intruso’ são hipóteses. Folha de São Paulo. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B2.
- GOFFMAN, E. 1991. *Les cadres de l’experience*. Paris. 576 p.
- GRAGNANI, J. 2016b. Luto toma conta de escolas e deixa alunos e professores atordoados. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.021. Caderno Esporte, p. B3. São Paulo, 3 dez.
- GRAGNANI, J. 2016. Mãe, a Chape morreu? Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.019. Caderno Esporte, p. B4. São Paulo, 1º dez.
- GRAGNANI, J; RODRIGUES, E. 2016. ‘Reconstrução de Chapecó conta até com psicólogos que atuaram na Boate Kiss’. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.020. Caderno Esporte, p. B5. São Paulo, 2 dez.
- GRAGNANI, J; URIBE, G. 2016. Temer irá somente a evento reservado; pai cobra ‘dignidade’. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.021. Caderno Esporte, p. B2. São Paulo, 3 dez.
- GRAGNANI, J; URIBE, G. 2016c. Vítimas do voo da Chape são recebidas por milhares sob chuva e emoção de parentes. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.022. Caderno Esporte, p. B1. São Paulo, 4 dez.
- KFOURI, J. 2016. Como dizia Bill Shankly. Folha de São Paulo. São Paulo, ano 96, n. 32.022. Caderno Esporte, p. B2. São Paulo, 4 dez.
- LOBEL, F. 2016. Caixa-preta deve desvendar lacunas da queda de avião da Chapecoense. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.023. Caderno Esporte, p. B1. São Paulo, 5 dez.
- MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (Org.). 2012. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis, Insular, 248 p.
- MOUILLAUD, M. 2002. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª. ed. Brasília, Editora UnB, p. 49-83.
- MENA, F. 2016. ‘Não é para você ir nesta viagem’, pediu noiva a lateral sobrevivente. Folha de São Paulo. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte, p. B5. São Paulo, 30 nov.

- MENIN, R. T. 2016. Torcedores lotam estádio e igreja em Chapecó. *Folha de São Paulo*. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte, p. B8. São Paulo, 30 nov.
- MENIN, R.T. 2019. *A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais: sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 160 p.
- QUÉRÉ, L. “L'événement. Introduction”. 1997. In: BEAUD, P. et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris, Réseaux/CNET, p. 415-432.
- QUÉRÉ, L. 2005. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: *Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, ISCTE, Casa das Letras, Editorial Notícias, **3**: 59-75.
- QUÉRÉ, L. 2011. *Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos*. Eco-Pós, Rio de Janeiro, Entrevista concedida a Leandro Rodrigues Lage e Tiago Barcelos Pereira Salgado. **14**: 176-183.
- QUÉRÉ, L. 2012. A dupla vida do acontecimento - Por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R.V., OLIVEIRA, L. (orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.
- RANGEL, S; RODRIGUES, E. 2016. Em sete anos, clube saiu do anonimato e virou xodó nacional. *Folha de São Paulo*. Ano 96, n. 32.018. Caderno Esporte, p. B6. São Paulo, 30 nov.
- SILVA, T. 2014. Acontecimento: evocando sentidos, provocando ações: uma análise do “Mensalão”. In: *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, v. **0**: 72-92.
- SILVA, T. 2016. A “tragédia” em Mariana e o poder hermenêutico do acontecimento – uma análise preliminar. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*, São Paulo.
- SILVA, T.; SIMÕES, P. G. 2014. Um acontecimento em disputa: sentidos da exumação de Jango. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*, **11**(1):34-50.
- SARMENTO, R.; MENDONÇA, R. F. 2017. Luana, Eliza e a Lei Maria da Penha: o acontecimento em discussão. In: *Contemporânea – Comunicação e Cultura*. UFBA, **15**(3): 842-865. Disponível em: <http://bit.ly/2ucEyxC>
- SODRÉ, M. 2009. *A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento*. Petropolis, Vozes, 2009. 288 p.
- VERÓN, E. 1995. *Construir el acontecimiento – los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear Three Mille Island*. Barcelona, Ed. Gedisa, 201 p.
- TOSTÃO. 2016. Românticos e pragmáticos. *Folha de São Paulo*. Ano 96, n. 32.022. Caderno Esporte, p. B6. São Paulo, 4 dez.
- TUCHMAN, G. 1983. *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona, 291 p.
- VICTOR, F. 2016. Milhares de colombianos se reúnem em estádio em tributo à Chapecoense. *Folha de São Paulo*. Ano 96, n. 32.019. Caderno Esporte, p. B5. São Paulo, 1º dez.
- VICTOR, F; VIZONI, A. 2016. No morro do desastre. *Folha de São Paulo*. Ano 96, n. 32.020. Caderno Esporte, p. B2. São Paulo, 2 dez.
- VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. 2013. *Jornalismo e acontecimento: Tramas conceituais*. Florianópolis, Insular, 256 p.